

ESPECIAL

Terra de gigantes

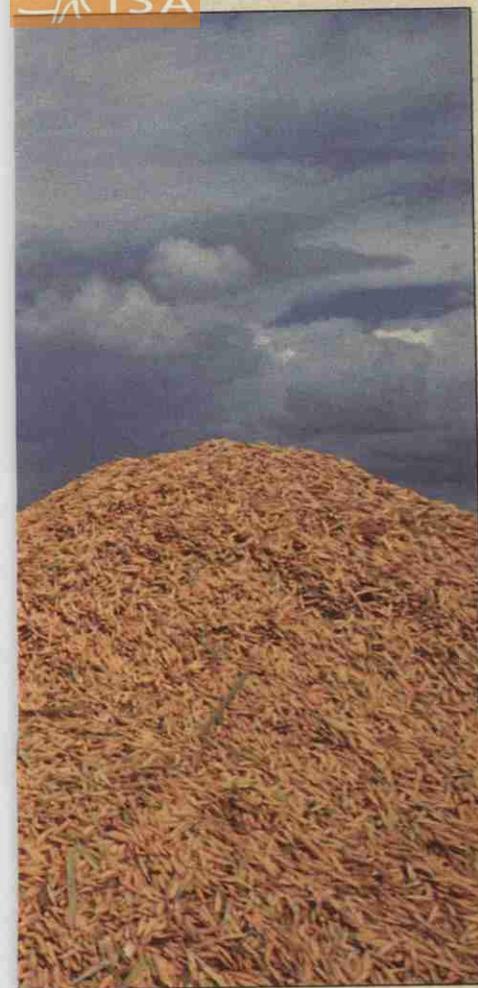
Com dinheiro estrangeiro, tecnologia brasileira e grandes propriedades, o solo pobre do cerrado transforma-se num enorme celeiro

RICARDO GALUPPO, de Lucas do Rio Verde

O caminhão que levou o geógrafo Azis Ab'Saber em sua primeira viagem ao cerrado, no ano de 1946, transportava comida para cidades do interior de Goiás. A carga, de arroz e feijão, saía do Sudeste rumo ao Centro-Oeste. Ab'Saber, que hoje é o presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, SBPC, observou durante a viagem que as terras do Brasil central eram pobres e obedeciam ao mesmo padrão de ocupação de 200 anos atrás. "Era um modelo semelhante ao nordestino", diz o geógrafo. Poucos fazendeiros mantinham

uma meia dúzia de cabeças de gado magro em enormes extensões de terra. Alguns agricultores cultivavam pequenas lavouras às margens dos rios. Ao refazer o trajeto, em 1992, Ab'Saber notou duas diferenças. De um lado, devastação: 45% dos cerrados já haviam perdido as árvores baixas da vegetação nativa. De outro, riqueza. Hoje, os caminhões que transportam comida fazem o trajeto inverso: saem do cerrado para abastecer o Sudeste brasileiro. Agora, o cerrado dá outra reviravolta: a terra cultivada ocupa cada vez mais espaço, gerando riqueza e evitando a devastação.

O cerrado brasileiro é sinônimo de terra, muita terra. São mais de 200 milhões de hectares, uma área equivalente aos territórios somados de Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Itália, Holanda e Bélgica. Nessa enormidade está uma das últimas fronteiras agrícolas do mundo, que está sendo transformada com o estímulo do capital estrangeiro, da tecnologia nacional e do trabalho do agricultor. A mesma terra que há vinte anos só gerava bois magros e arroz miúdo é hoje responsável por 28% da safra brasileira, produzindo 20 milhões de toneladas de grãos ao



O agricultor Matsubara, que aplicou 1 milhão de dólares em pesquisas: "Terra sem tecnologia vale pouco"

tador de comida, ao financiar a agricultura no cerrado é aumentar a oferta mundial de alimentos para manter os preços internacionais estáveis. O consumidor brasileiro pode lucrar com essa política: a fartura significa menos especulação com os estoques de alimentos e comida mais barata na panela. "O Brasil e o mundo precisam de comida. O cerrado já está pronto para produzi-la", diz Emiliano Pereira Botelho, presidente da Campo, a empresa que coordena os investimentos japoneses no Brasil central. Detalhe: para implantar as novas colônias, nos Estados do Tocantins e do Maranhão, a Campo comprará duas vezes a quantidade de terra que pretende destinar aos agricultores. Metade será mantida com a vegetação natural e transformada em área de preservação.

A presença mais forte, porém, é de investidores privados — gente desconhecida com o sonho de fazer fortuna. O cerrado está sendo ocupado por uma nova geração de fazendeiros. São homens que fecham negócios em dólares e prestam mais atenção nas cotações da Bolsa de Chicago do que em Brasília. Mencionam com moderação o nome do ministro da Fazenda, Fernando Henri-

que Cardoso. Pouquíssimos sabem o nome do atual ministro da Agricultura (chama-se Sinval Guazzelli). "Não se pode esperar nada de quem não tem nada para dar", diz o agricultor Valdir Giarretta, vice-presidente da Cooperativa Agropecuária de Lucas do Rio Verde, uma empresa rural-modelo do interior de Mato Grosso.

CULTIVO MECANIZADO — O clima do cerrado é ideal e suas características topográficas são perfeitas para a agricultura. A terra plana e macia favorece o cultivo mecanizado. Nunca houve seca prolongada no cerrado. Os fazendeiros que dependem da chuva para molhar a roça conseguem três colheitas em dois anos, tal a abundância pluviométrica. Já os que podem pagar montam linhas de irrigação e obtêm cinco colheitas no mesmo período. É impossível conquistar resultados semelhantes nos Estados Unidos e na Europa, onde as terras férteis passam três meses paralisadas pelo inverno. "O cerrado é um dos poucos lugares do mundo onde é possível plantar o ano inteiro", diz João Kluthcouski, agrônomo da Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias, Embrapa, agência estatal e principal responsável pela tecnologia que permitiu o aproveitamento do cerrado.

Um paraíso? Nada disso. A natureza deu ao cerrado terras com fertilidade inferior à da caatinga nordestina e com níveis de

ano. As pastagens do cerrado abrigam um rebanho de 45 milhões de cabeças, 30% do gado brasileiro. O avanço da produção rende dividendos ecológicos. "O cerrado é a grande muralha de proteção da Amazônia. Cada hectare explorado no Brasil central é um hectare da Floresta Amazônica que fica de pé", observa Adair Antônio Meira, diretor da Fundação Pró-Cerrado, de Goiânia.

NEGÓCIOS EM DÓLAR — Ainda que o cerrado seja quase um desconhecido, quando comparado com a projeção adquirida pela Floresta Amazônica, bastante gente já percebeu o potencial da região. O cerrado pode transformar-se em poucos anos num celeiro capaz de alimentar uma população de 250 milhões de pessoas. Europeus estão investindo na região e, nos últimos quinze anos, só o governo japonês aplicou 400 milhões de dólares em projetos de agricultura nesse pedaço de Brasil. Nos próximos dias, o Japão deve anunciar a liberação de mais 90 milhões de dólares para a instalação de novas colônias agrícolas na área. O governo brasileiro também entra com recursos nesses projetos. Não é doação. É empréstimo pago pelo agricultor.

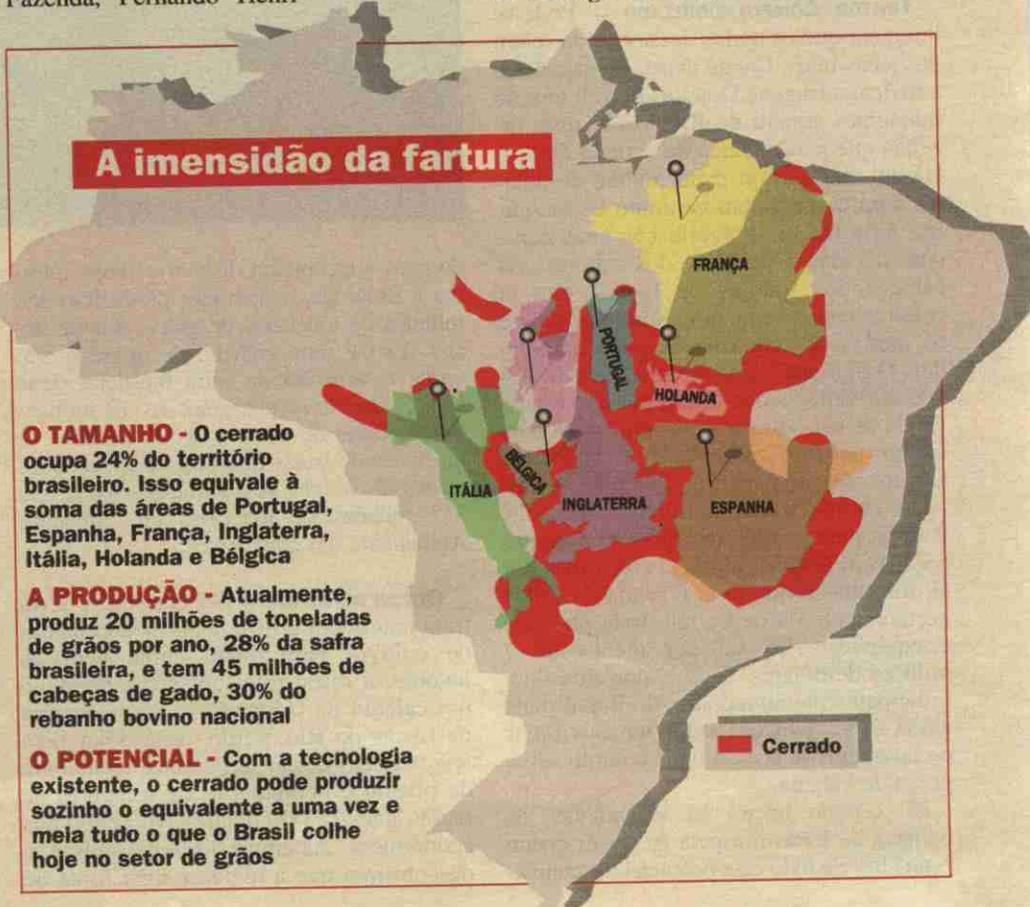
O objetivo do Japão, um grande impor-

A imensidão da fartura

O TAMANHO - O cerrado ocupa 24% do território brasileiro. Isso equivale à soma das áreas de Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Itália, Holanda e Bélgica

A PRODUÇÃO - Atualmente, produz 20 milhões de toneladas de grãos por ano, 28% da safra brasileira, e tem 45 milhões de cabeças de gado, 30% do rebanho bovino nacional

O POTENCIAL - Com a tecnologia existente, o cerrado pode produzir sozinho o equivalente a uma vez e meia tudo o que o Brasil colhe hoje no setor de grãos



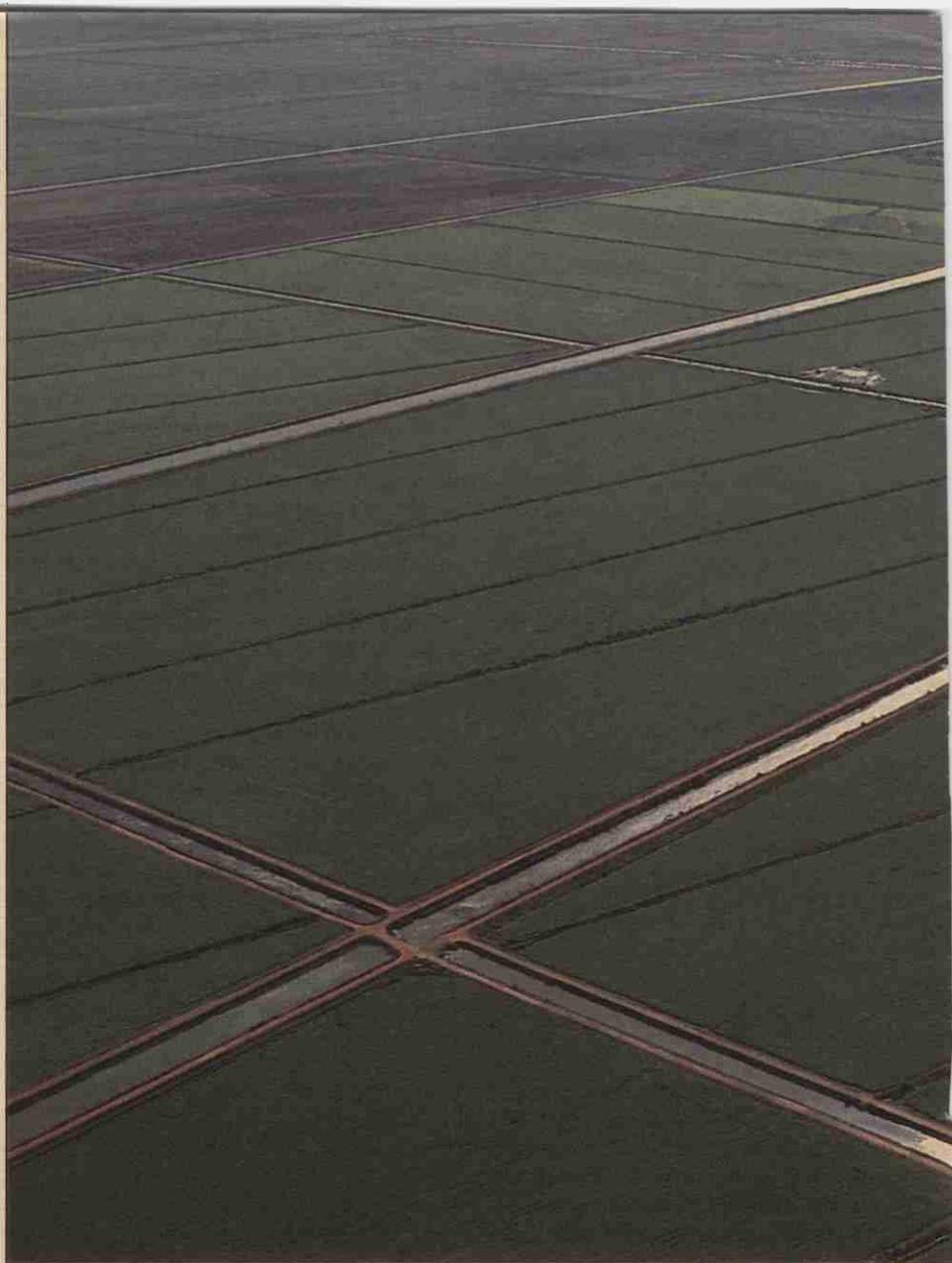
Cultivo de arroz no projeto Formoso, no Tocantins: as lavouras irrigadas dão cinco safras a cada dois anos

acidez insuportáveis para as lavouras. Isso exige investimentos em correção e fertilização da terra. Como chove muito e a terra é macia, o risco de erosão é enorme. "A qualidade do solo é a única característica natural de uma região que o homem pode alterar para melhor", explica o agrônomo francês Lucien Seguy, estudioso do cerrado há dez anos. Ex-funcionário da Embrapa, Seguy trabalha atualmente para o Cirad, um instituto estatal francês de pesquisas agropecuárias que se interessou pela região no final dos anos 80.

A eficiência dos fazendeiros melhoraria se algumas características artificiais também fossem alteradas. O grosso das mercadorias viaja da fazenda ao armazém ou até o porto a bordo de caminhões. De acordo com um estudo da Companhia Vale do Rio Doce, que está investindo em ferrovias para escoamento das safras do cerrado, o transporte por caminhões custa ao agricultor do Brasil central 42 dólares por tonelada de soja. O fazendeiro do Paraná gasta apenas 15 dólares com o transporte até o porto. As estradas principais são asfaltadas, mas basta uma chuva para cobri-las de crateras.

TRATOR COMPUTADORIZADO — Pode-se imaginar que os donos dessas terras sejam uns jecas-tatus. Longe disso. O fazendeiro americano Eugene Douglas Ferrell tem no município goiano de Rio Verde uma fazenda que parece saída do seriado *Dallas*. Há um ano, gastou meio milhão de dólares para comprar um conjunto de máquinas John Deere, de fabricação americana, consideradas o Cadillac dos tratores. As cabines dos tratores de Ferrell têm ar condicionado, enquanto as plantadeiras e os arados são controlados por computador. O agricultor garante que metade dos 900 000 dólares que fatura por ano com a venda de sua safra é lucro líquido. "Estou melhor aqui do que estaria no meu país. Lá eu não conseguiria comprar terras. Aqui eu tenho um latifúndio", diz ele. Para os interessados (ao menos na imaginação) em adquirir terras já cultivadas por lá, informa-se que uma fazenda de 2 000 hectares como a de Ferrell, toda plantada e equipada, não sai por menos de 7 milhões de dólares. É um valor altíssimo, principalmente numa parte do Brasil onde ainda é possível encontrar terras virgens de lavoura e de acesso mais complicado a preço de banana.

No cerrado inteiro há 90 milhões de hectares de terras à espera de quem queira ocupá-los. Se todo esse potencial for cultiva-



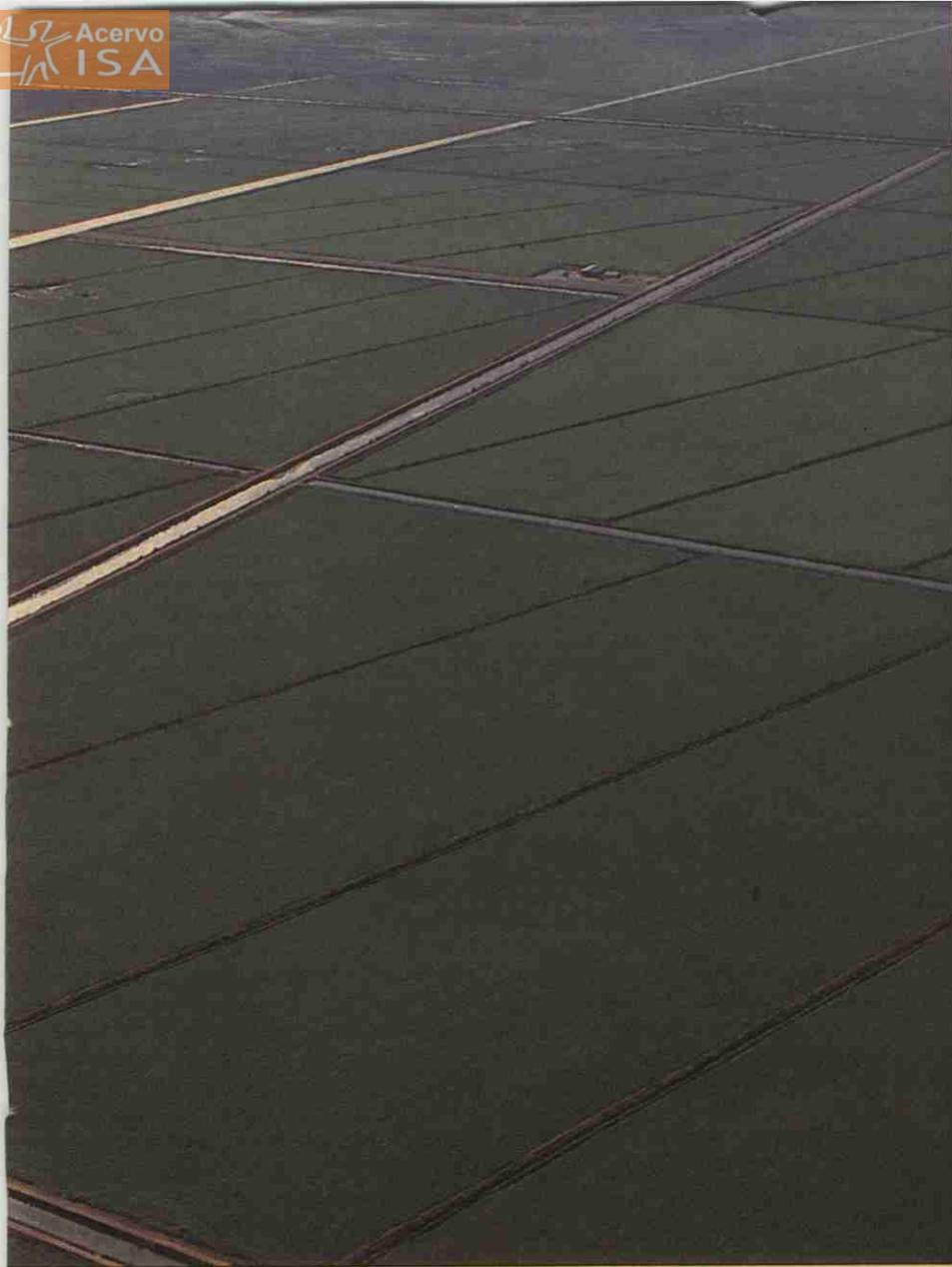
do com a tecnologia disponível hoje, informa a Embrapa, os cerrados produzirão 250 milhões de toneladas de grãos durante um ano. Isso é uma colheita de quase quatro vezes o tamanho da safra brasileira deste ano. Somando-se aos grãos os 12 milhões de toneladas de carne e os 90 milhões de toneladas de frutas que podem ser colhidos na região, sairão dos cerrados a cada ano 352 milhões de toneladas de alimentos. Alimentaria um continente.

QUEDA DE MITOS — No cerrado, a terra trata mal quem utiliza técnicas antiquadas de cultivo. Para quem cuida bem da lavoura, a resposta é fantástica. Segundo um cálculo da Cooperativa Agropecuária de Lucas do Rio Verde, cada dólar bem aplicado em pesquisa de solo, tecnologia de plantio e aclimação de sementes na região gera 18 000 dólares em benefícios econômicos. As empresas de pesquisas já descobriram que a região é uma fonte de

lucros gordos e estudam formas de melhorar a produtividade dos campos do Brasil central. Além da Embrapa, há muito laboratório fazendo pesquisas por lá. A Campo mantém um centro de biogenética no município mineiro de Paracatu. O objetivo é aclimatar ao cerrado mudas de árvores frutíferas e até de orquídeas. A gigante francesa Rhodia financia pesquisas de recuperação de solos na região. O Bradesco investe alto em técnicas de produção de carne. A tecnologia desenvolvida para o cerrado já conseguiu derrubar mitos antigos da agricultura mundial. Dois deles:

■ O plantio de trigo em altitudes inferiores a 700 metros além do nível do mar era considerado impossível. No cerrado, o trigo é colhido atualmente em zonas com altitude de 500 metros.

■ Lavouras de feijão sob temperaturas superiores a 28 graus significavam prejuízo até bem pouco tempo atrás. No cerrado, há



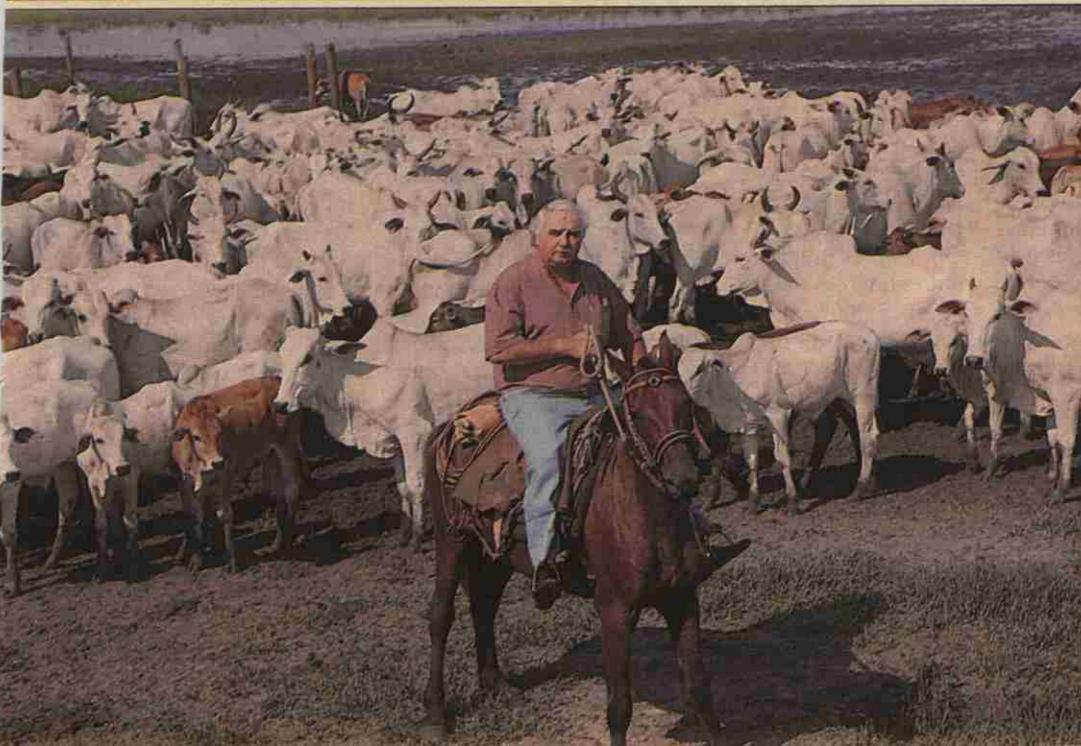
lavouras de feijão de alta produtividade a temperaturas que chegam a 35 graus.

A média de produtividade das melhores lavouras de feijão do cerrado é cinco vezes maior que a média nacional. Os plantios mais eficientes de milho rendem por hectare quatro vezes a média brasileira. As boas lavouras de soja produzem o dobro dos cultivos nas outras regiões do país. Na pecuária, há criadores que conseguem resultados surpreendentes. O empresário paulista Samuel Sérgio Serra mantém um rebanho de 15 000 cabeças de gado nos 15 000 hectares de terras da Fazenda Santa Thereza, no município goiano de Acreúnas. Seus novilhos atingem o peso ideal de abate com apenas 13 meses de vida. Pela média nacional, o boi só vai para o frigorífico com 4 anos de idade. A fazenda é administrada por duas filhas e dois genros de Samuel. A receita é de aproximadamente 1,6 milhão de dólares por ano.

MAÇO DE HOLLYWOOD — Outro mito que o cerrado destruiu foi o de que só se faz agricultura eficiente com ajuda do governo. O crescimento da região coincidiu com o fim da era do subsídio agrícola no Brasil. “Dinheiro fácil é uma praga para a lavoura. No tempo que o governo dava crédito barato, o agricultor atrasava o plantio à espera do financiamento do Banco do Brasil”, diz o agrônomo inglês John Landers, 28 anos de cerrado. O juro baixo e a correção monetária eram responsáveis pela ineficiência na lavoura nacional — e o cerrado não fugiu à regra. Parte do dinheiro tomado para financiar as lavouras transformou-se em apartamentos nas cidades ou em automóveis último tipo.

FOTOS ANTONIO MILENA

Os agricultores profissionais que estavam no cerrado na época do dinheiro gordo e da colheita magra adaptaram-se ao momento de escassez. “Eu peguei muito empréstimo barato, e isso não foi suficiente para melhorar minha lavoura”, reconhece o agricultor paranaense Munefumi Matsubara. Em 1966, Matsubara comprou em sociedade com um tio 10 000 hectares de terras no norte de Mato Grosso. Cada um deles custou o preço de um maço de cigarros Hollywood. Começou a explorar a propriedade no final dos anos 70, com financia-



O pecuarista Samuel Serra, de Goiás: boi gordo com apenas treze meses de vida



O americano Douglas Ferrell: tratores com ar-condicionado

sul do país. O retorno é muito maior”, defende. Dividiu com os fazendeiros vizinhos tudo o que aprendeu com as pesquisas que pagou com seu dinheiro. Não cobrou nada por isso. “Se não fosse o crédito barato, eu não teria sobrevivido como fazendeiro. Foi a forma que encontrei de retribuir a ajuda que recebi”, admite. A principal lição que aprendeu foi que terra barata ajuda, mas não resolve o problema do agricultor. “Terra sem tecnologia vale muito pouco”, diz ele.

O fazendeiro sabe do que fala. Como pioneiro na região onde surgiu a cidade de Lucas do Rio Verde, Matsubara

ANTÔNIO MILENA

mento subsidiado. Percebeu que teria prejuízo. Os fertilizantes que jogava nas terras eram levados pelas enxurradas na época das chuvas e as sementes tinham dificuldade para germinar.

Matsubara é uma espécie de Akio Morita do Centro-Oeste. Morita ficou conhecido por transformar uma empresa minúscula, a Sony, num dos totens da expansão econômica do Japão através da eficiência tecnológica. Respeitada a proporção, Matsubara fez exatamente o mesmo no cerrado. Quando percebeu o tamanho da sua dificuldade, procurou técnicos em busca de orientação. Ninguém sabia o que fazer. Poderia ter desistido e retornado ao Paraná, onde ganhava a vida como comerciante de alimentos. Preferiu tirar dinheiro do próprio bolso e bancar os experimentos que salvaram sua fazenda da erosão. Gastou 1 milhão de dólares em pesquisa de tecnologia aplicada à agricultura do cerrado. Salvou a lavoura e ajudou a ecologia. As novas técnicas de manejo de solo adotadas por Matsubara impedem que os tratores removam grandes quantidades de terra ao preparar a lavoura. Pelo processo tradicional, a terra arada é arrastada para o leito dos rios pelas enxurradas. De acordo com estudos mais recentes, se a terra for preparada com cuidado e os rios forem preservados, basta que se mantenha 30% da área do cerrado como está para que o equilíbrio ecológico da região permaneça. Não é pouca coisa: 30% do

cerrado são 60 milhões de hectares, ou 7% do território nacional. “O assoreamento dos rios é um dos maiores danos ecológicos causados pela agricultura malfeita”, diz o geógrafo Azis Ab’Saber.

LUGAR DE GRANDES — Hoje, o fazendeiro Matsubara é um homem rico. Tem doze tratores, cinco colheitadeiras e dá emprego a cinquenta pessoas. “Apliquei tudo o que tinha e mais o que o Banco do Brasil emprestou na minha terra. Não poderia perder o meu trabalho”, diz ele. Cada hectare de suas terras está cotado em 1 500 dólares — 1 400 maços de Hollywood. Ou seja, conseguiu um aumento real de 125 000% em seu investimento inicial. Dos 4 500 hectares de terra que lhe couberam depois da dissolução da sociedade com o tio, ele colhe 1 milhão de dólares por ano. “Um dólar investido aqui vale muito mais que um dólar aplicado no

ra assistiu à implantação de um projeto de reforma agrária promovido pelo Incra, em 1982. Foi um fracasso. Dos 200 colonos assentados pelo governo (os sem-terra da invasão de Ronda Alta, no Rio Grande do Sul, em 1981), 90% trocaram por migalhas as terras que receberam de graça e fizeram o caminho de volta. “Eles receberam a terra mas não tiveram crédito para o plantio. O governo nunca lhes deu dinheiro para financiar o maquinário. Não po-

O refúgio dos pequenos

O cerrado é terra de gigantes, mas numa faixa de 25 000 hectares próxima à margem do Rio São Francisco, no norte de Minas Gerais, há espaço para gente pequena. O projeto Jaíba abriga 600 pequenos produtores rurais no município de Mocambinho — uma área onde o cerrado começa a ganhar características da região semi-árida do Nordeste. Cada um deles explora lotes de apenas 5 hectares de terra. Ainda há lugar para muita

gente. Não engordam boi nem plantam soja, como os megafazendeiros do Centro-Oeste. Com a água do Rio São Francisco, os sítiantes do Jaíba cultivam tomate, banana, melancia, uva e goiaba — e obtêm uma renda anual de 4 000 dólares. “É o que dá lucro por aqui”, diz o produtor Valdir Botelho, que planta bananas em suas terras.

“A vocação do Jaíba são as frutas e os legumes que possam ser industrializados na região”, diz Carlos Landi, gerente executivo do projeto. Já

diam agüentar”, lembra o fazendeiro Anton Huber, suíço naturalizado brasileiro, presidente da Organização das Cooperativas de Mato Grosso. Huber chegou a Lucas do Rio Verde através de outro projeto de colonização. Ele e quarenta colegas receberam o apoio da Campo, tiveram assistência técnica e crédito. Quando começaram a ter lucro, outros agricultores foram atraídos para o lugar. Hoje há cerca de 1 300 fazendeiros na região.

Da colonização da região, ficou uma lição. “No cerrado só tem lugar para quem é grande ou para quem pode crescer”, diz o fazendeiro Otaviano Piveta, um gaúcho que há doze anos pisou em Mato Grosso pela primeira vez. Dirigia o caminhão que levou mudança de alguns dos colonos assentados pelo Incra. Gostou do lugar e pediu que lhe avisassem do primeiro terreno posto à venda. Quando a oportunidade surgiu, vendeu o caminhão e a casinha que possuía no Rio Grande do Sul. Comprou 600 hectares. Hoje tem 4 000. Seu patrimônio supera os 5 milhões de dólares.

A idéia de que o cerrado é mais generoso com os grandes produtores não está apenas na cabeça de fazendeiros bem-sucedidos. Os dados são da Embrapa: uma fazenda de agricultura no cerrado só é lucrativa quando permite o cultivo de 300 hectares de lavoura. É a partir dessa área (um latifúndio para os produtores de Santa Catarina e do Paraná) que a lavoura mecanizada passa a ser economicamente viável na região. Nos

está em funcionamento na região a Karambi Alimentos, fabricante de extrato de tomate, que dá emprego a 150 pessoas. No final deste ano deve entrar em operação a Jaiba Agroindustrial, que terá 200 empregados e produzirá suco de maracujá para exportação. A maior parte das frutas é vendida nas quitandas de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. O projeto custou 150 milhões de dólares até agora, é tocado pelo governo de Minas e financiado pelo Banco Mundial. Outros 80 milhões de dólares devem ser aplicados até o ano 2000, para

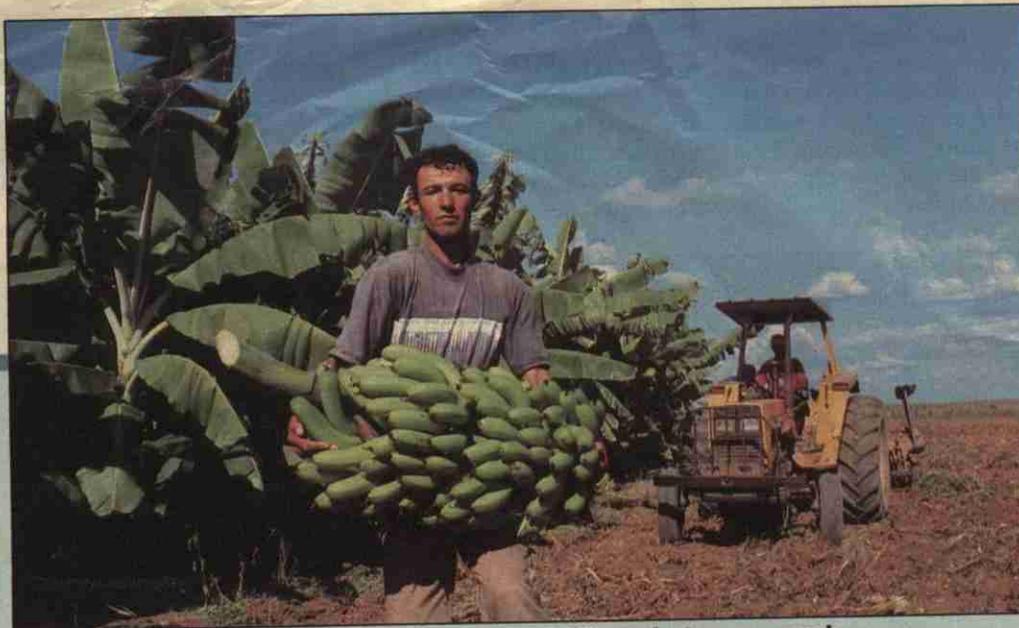
cerrados, 62% das terras ocupadas são propriedades com área superior a 1 000 hectares. Apenas 0,5% do cerrado são sítios de até 100 hectares.

LONGE DO GOVERNO — As grandes fornecedoras de sementes, fertilizantes e tratores já mudaram a forma de encarar o agricultor. Há cinco anos, a cooperativa de Paracatu, no cerrado mineiro, resolveu propor a algumas empresas que, em vez de receber dinheiro, aceitassem como pagamento por suas mercadorias uma parte da safra do agricultor. Deu certo, e a idéia se alastrou pelo interior do Brasil. Foi uma solução salvadora. O agricultor sério quebraria se continuasse preso aos bancos.

Em dezembro passado, o Congresso concluiu uma CPI sobre o endividamento dos agricultores e observou que a situação no meio rural inspira cuidados. Segundo a CPI, os agricultores de todo o país acumulam dívidas vencidas no valor de 1,7 bilhão de dólares. A inadimplência seria 5 bilhões de dólares maior se o Banco do Brasil não tivesse negociado com os agricultores a liberação de empréstimos novos para pagamento de dívidas vencidas. A maioria dos problemas do endividamento

do campo surgiu com os pacotes econômicos do ex-presidente José Sarney e se agravou durante a passagem de Zélia Cardoso de Mello pelo Ministério da Economia. Quatro dos cinco choques econômicos do país pegaram os agricultores num momento crítico. Foram baixados numa época entre o plantio e a colheita. Os preços dos alimentos foram congelados e a correção monetária do financiamento da lavoura continuou subindo. Na hora de pagar, o dinheiro da safra não dava para quitar as contas. “Para o governo, todo agricultor do cerrado é um Olacyr de Moraes”, diz Eurípedes Tobias, ex-gerente de banco em Goiânia que se instalou num projeto agrícola no município de Paracatu.

Olacyr, o rei da soja, já era milionário quando resolveu investir no cerrado mato-grossense. Se faltar dinheiro do Banco do Brasil, Olacyr, empreiteiro, banqueiro e uma porção de outras coisas, tira algum do bolso e financia a lavoura. Detalhe: Tobias não pede facilidades, apenas uma política agrícola racional. O sonho de todo agricultor que leva a lavoura a sério no cerrado ou em qualquer outra região é não depender do governo. ■



O agricultor Valdir Botelho, no projeto Jaiba, em Minas: frutas no cerrado

o assentamento de mais 1 400 agricultores.

O nível de vida na região melhorou muito desde que os primeiros agricultores foram assentados, em 1989. Em cinco anos a população local saltou de 1 000 para 6 000 pessoas. O preço do hectare de

terra ao redor da área colonizada era de 50 dólares em 1989. Hoje já é de 250 dólares. O projeto dos pequenos acabou atraindo gente grande para a área. A empreiteira Andrade Gutierrez cria gado nelore nas proximidades do assentamento de colonos. O

grupo Cauê, produtor de cimento em Minas, investiu recentemente 7 milhões de dólares num projeto de irrigação de 2 000 hectares. Produz feijão e milho e está entrando na fruticultura — de olho no mercado europeu.